

ART DÉCO SERTANEJO E UMA REVITALIZAÇÃO POSSÍVEL: PROGRAMA CAMPINA GRANDE DÉCO Lia Monica Rossi¹

O passado recente é o mais difícil de preservar; não é suficientemente velho para ser valorizado nem suficientemente novo para ser mantido.

Pietro M. Bardi

Art Déco Sertanejo: o batismo

Mas, por que Sertanejo? *Sertão*, região geográfica nordestina, vizinha do Agreste e do Cariri, vem do colonial português *desertão*, região afastada dos centros urbanos, o interior de um país ou região, distante, com pouca civilização. Como nós o vemos, para além de suas definições geográficas, precisas ou não, Sertão é também um lugar poético. Tanto pode expressar a imensidão solitária e des-campada do semiárido, quanto um pedaço de terra da memória afetiva, o *meu sertão*.² São esses tantos Sertões do real e do imaginário que nos inspiraram ao batizar de *Sertanejo* o art déco não consignado das fachadas populares nordestinas.

Esta pesquisa nasceu do nosso estranhamento com o casario dos bairros de Caruaru (PE), em 1972. Como não se surpreender com aquelas deliciosas composições que entravam em conflito com os ensinamentos sobre “boa forma”³?

¹ Designer pela ESDI/UERJ 1973, mestre em Eng. da Produção Coppe/UFRJ, 1981, lecionou de 1979 a 1996 na UFPB e outras universidades. Consultora e pesquisadora de manifestações populares nordestinas em artesanato e arquitetura. Desde 2002 mantém o site www.art-deco-sertanejo.com.

² Como em *Asa Branca*, música de Luís Gonzaga e Humberto Teixeira.

³ Noções adquiridas na Escola Superior de Desenho Industrial do Rio de Janeiro, profundamente influenciada pelo funcionalismo alemão pós-guerra (Escola de Ulm).

A estranheza se expandiu ao chegar a Campina Grande (PB), em 1979, e se transformou em fascínio ao andar pelas vilas ao longo das rodovias nordestinas. Os relevos das fachadas como jogos geométricos (radiais, paralelos, escalonados, ziguezagues, etc.), criatividade regional expressa através de régua, esquadros e compassos, sem notação na literatura e nas mentes do design nacional.

Por essa época, a imagem do Nordeste para muitos de nós, *sudestinos*, não ia muito além de redes, jangadas, praias de coqueiros e carnaval em Salvador. Compreensível, se lembrarmos que a TV Globo não era tão global ainda,⁴ não havia internet nem mesmo DDD. Nesse contexto, e comparada a hoje, a comunicação entre o Norte-Nordeste e o Sul-Sudeste era bastante incipiente. Na academia parecia não ser muito diferente, como se entre o mimetismo do tradicional e as vanguardas modernistas não houvesse tempo nem espaço para olhar o próprio quintal.

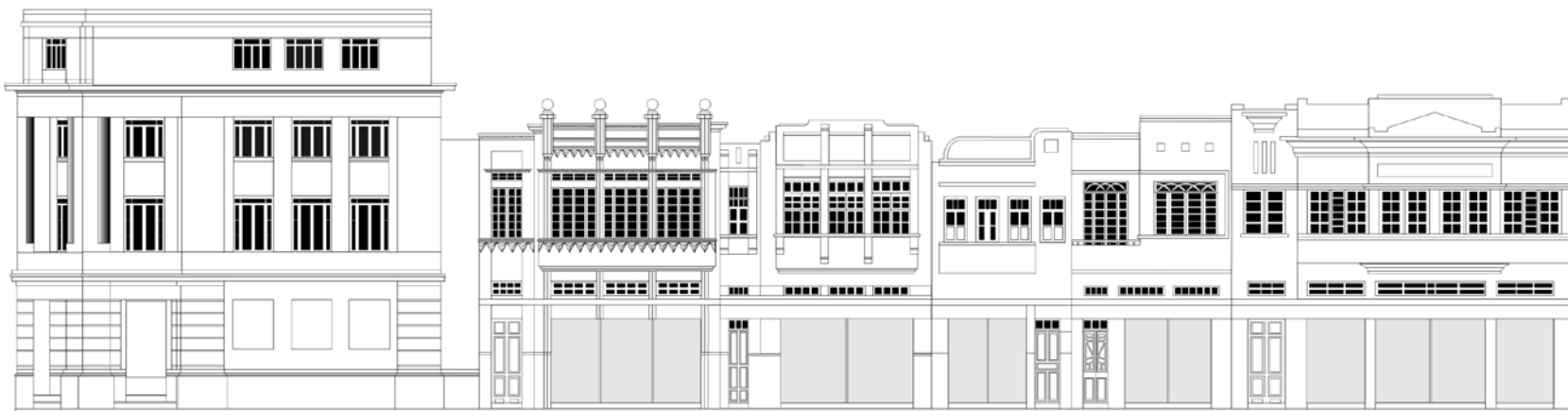
4 A TV Globo só chegaria à Paraíba em 1987.

Assim, no início dos 80, os geometrismos art déco subjacentes naquelas plati-bandas que lembravam Miami Beach eram ainda e apenas uma suspeita nossa, sem nenhuma base teórica. Apesar disso, coletamos exemplos de art déco internacional comparados a manifestações locais e os apresentamos em 1982. Entusiasmados pela recepção apresentamos o tema na SBPC (1984), sob o título *Art Déco Sertanejo*. Pouco depois, surgem ensaios fotográficos, como o de Szilard (1986) e o belíssimo livro de Mariani (1988). E nosso Art Déco Sertanejo reaparece num artigo em 1994.

Do projeto modernista ao projeto revitalizador

Conta a história que Teodósio de Oliveira Ledo, capitão-mor dos Sertões, fundou Campina Grande em 1697. Abreviando muito a história chegamos a 1936, quando o prefeito Vergniaud Wanderley inicia o remodelamento do centro tradicional através de várias leis de cunho sanitaria e urbanístico. Pouquíssimos prédios ecléticos sobreviveram a esse choque de ordem que em menos de 15 anos muda totalmente a feição da cidade. Construtores da região e arquitetos formados na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro montam seus escritórios para atender ao grande numero de clientes compulsórios dessa “modernização por decreto” (VERAS, 1988), à qual se deve a notável unidade estilística do centro da cidade. Esse é o conjunto que tanto atraiu nosso olhar em 1979, e que desde então documentamos.

Nessa campanha de preservação montamos a *Exposição Campina Grande Déco*, em 1993. Em 1994 encontramos os projetos originais da grande reforma de Vergniaud Wanderley no Arquivo Municipal, quando constatamos emocionados e pela primeira vez as datas de construção e seus autores.



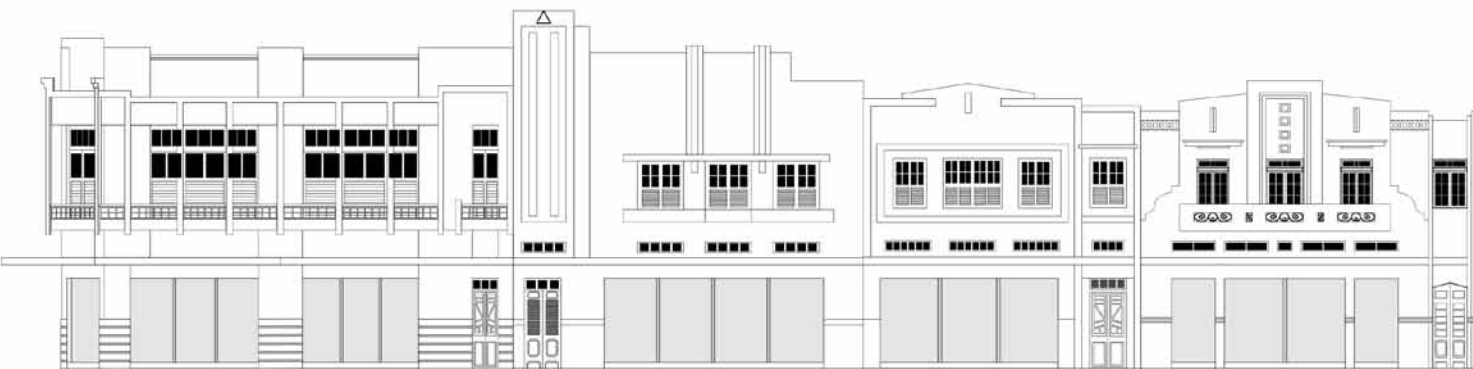
Rua Maciel Pinheiro/ lado ímpar/ 1º quarteirão. Câmara Municipal e sobrados comerciais.

A partir daí a mídia se encarregou de divulgar a descoberta do art déco campinense e a importância de sua preservação. Em 1996 o candidato a prefeito Cássio Cunha Lima se interessou pelo projeto e o incorporou à campanha. Em 1998 iniciamos a digitalização das fachadas. Em 1999 a Prefeitura, através da Seplan, iniciou os procedimentos necessários à revitalização da Rua Maciel Pinheiro como 1ª fase do Projeto Campina Déco,⁵ que constou de definição de abrangência, leis de isenção fiscal e preservação estilística,⁶ licitação para obras de infraestrutura de redes (retirada de fiação aérea e postes de concreto, projetos elétrico, hidráulico, telefônico, de pavimentação e calçadas), retirada de todos os revestimentos das fachadas (coberturas em Luxalon) e posterior análise das marquises pela Defesa Civil, realocação de mais de 800 ambulantes com a criação de mercados próprios (ARCCAS), redefinição de estacionamentos, mobiliário urbano, acesso de cadeirantes, etc.

Para o projeto de Recuperação das Fachadas (desenvolvido por equipe formada pelas designers Lia Monica Rossi e Jose Marconi B. de Souza, pela arquiteta Cristina Mello, e por alunos do Curso de Desenho Industrial/UFPB, entre outros),

5 Se totalizado, o programa abrangeria 150 imóveis em 10 ruas, ocupando 17 ha do centro da cidade.

6 Lei Municipal 3.721, de 6.8.1999, Segov, criando Zona Especial de Preservação I.



Rua Maciel Pinheiro/ lado par/ 1º quarteirão. Sobrados comerciais.

contou-se em princípio com o apoio das Associações Comerciais locais, indispensável ao sucesso do projeto, visto o caráter eminentemente comercial da área. O projeto constou de finalização da pesquisa de projetos originais, documentação e digitalização das fachadas, classificação dos prédios por área (Preservação, Tutela e Tombamento), prospecção das cores originais, criação da Cartela Geral de Cores, criação das Fichas por Imóvel (constando de projeto original, levantamento fotográfico, características estilísticas, mapeamento de danos, lacunas e projeto cromático), normas para letreiros e iluminação, proposta de placas de identificação histórica dos prédios (não implantada), etc.

Método

Qual é o método para conseguir resgatar algo de um patrimônio urbano? Certamente isso não pode depender da persistência de uma cidadã por 20 anos. As questões fundamentais: o que queremos preservar?; por que precisamos preservar? e como poderemos preservar? serão respondidas pelos múltiplos atores urbanos envolvidos, e o resultado vai expressar o poder e a participação desses atores no enredo. Em cena: conceito/idéia, divulgação, apoio da mídia e dos usuários, vontade política, reforço da autoestima dos habitantes, negociação, etc.

Aplausos se na aplicação de recursos públicos cada contribuinte sentisse seu ganho maior que seu investimento.

“Art-de-cores”

Quando se fala em preservação, difícil não falar de atualização. O espaço é o mesmo, mas o lugar de outrora, com sua riqueza de qualidades sinestésicas, não é. Reproduzi-lo é tão difícil quanto viajar no tempo. O

espaço de hoje, então, é onde inevitavelmente ocorre a atualização: de relações, de usos, de iluminação, de tráfego, de ruídos, de aromas, de texturas, de cor, de ambiente, de clima, enfim.

Após a prospecção das cores originais das fachadas, constatamos que a paleta da década de 1940 se restringia a poucos matizes com grande predominância dos amarelos, algo de azul-claro, verde-claro e róseo, resultados da tradicional pintura a cal.

Desde a pré-história, o uso da cor pela humanidade é sinônimo dos limites e possibilidades de obtenção de pigmentos: animais, vegetais e minerais, encontrados na natureza local ou importados a altos custos. As atuais técnicas químicas tornaram possível obter qualquer matiz ao gosto do consumidor, na hora e a baixo custo. O uso da cor-luz, outrora domínio do arco-íris, de outros prismas naturais e dos vitrais, democratizou-se através do néon e outros gases, filamentos, os raios catódicos da TV, etc. Assim, a humanidade urbana de hoje está cercada de emissões de luz e pigmentos de alta saturação.

Neste contexto, a pintura e as cores pastéis originais talvez fossem a opção correta sob o ponto de vista histórico, mas certamente não foi a opção da comunidade. Apesar da cartela proposta por nossa equipe respeitar em grande medida a gama cromática original, as possibilidades infinitas oferecidas pelas lojas de tintas foram mais atraentes e determinantes nas escolhas dos lojistas. A oportunidade de colorir o centro da cidade, já livre de suas coberturas de Luxalon, aliada à tradição dos bairros de pintar a casa para o São-João, transformou o programa Art Déco numa real “Art-de-cores”, como o estilo foi rebatizado popularmente e pela mídia local. E fachadas de matizes saturados e contrastantes é o gosto que predomina hoje nas fachadas das cidades nordestinas.

Continuidade⁷

O objetivo deste breve relato é expor alguns aspectos de nossa experiência num projeto de preservação de patrimônio numa cidade de médio porte do interior nordestino, que aparentemente não despertava o interesse do IPHAN, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), nem do governo local, nem mesmo dos arquitetos.⁸ O resultado, mesmo que parcial, nos parece um verdadeiro milagre. Espero que essa experiência, talvez válida para outras cidades, não suponha mais milagres. O art déco (sertanejo ou não), o popular e o artesanal do Nordeste estão na mídia e parece que estão na moda.

Desde nossa primeira apresentação em 1982 o Art Déco Sertanejo tem servido de inspiração para projetos de pesquisa e de design de mobiliário (BOMFIM, G. e Souza, J. M. B. de. Projeto experimental de mobiliário. CDI/UFPB, 1989), vestuário (SOUZA, J. M. B. de. Projeto de Vestuário. TCC/CDI/UFPB, orientação de J.B. Guedes, 1990), jogos (CATÃO, Rejane de S. Déco Sertanejo – blocos de armar. TCC/CDI/UFPB, orientação de G. Bomfim, 1995), cenários (Cenários/Fachadas de barracas, S. João no Parque do Povo. Campina Grande, 1988), livro (RIBEIRO, Noaldo e MELLO, Lamarck B. de. *Campina Grande: livro-CD*. Campina Grande: PMCG, 1999. Contém 2 discos de músicas temáticas e 6 páginas dedicadas ao programa Campina Grande Déco), etc., o que é muito gratificante.

7 Em 2011 o Rio de Janeiro vai sediar o 11º Congresso Mundial de Sociedades Art Déco, organizado pelo Instituto Art Déco Brasil, quando pretendemos lançar nosso livro sobre o tema.

8 Paradoxalmente, mesmo dentro da academia nordestina: em 2000, o trabalho Campina Déco foi aceito no Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Natal (RN), mas logo depois rejeitado sob a alegação de que “não está provado que o conjunto de Campina Grande é Art Déco”.

Recentemente temos visto com prazer e esperança uma nova tendência para o estudo e a divulgação de manifestações na arquitetura popular urbana brasileira. A título de exemplo citamos os pesquisadores Marcus V. Queiroz, Vitor J. B. Campos, Jorge Eduardo Rubies e Edimilson Vieira.

Sabemos que qualquer projeto implantado supõe manutenção, o que mais uma vez depende dos atores urbanos envolvidos. Esperamos que a preservação da memória continue, independentemente de sempre possíveis políticas adversas, do mero descaso e do inevitável crescimento urbano:

Em breve esta cidade se parecerá como qualquer outra grande, com prédios, prédios, prédios a perder de vista. De repente, o que até então nos parece bonito, virará repetição, paisagem monótona, perda de ar, de qualidade de vida. Uma São Paulinha no Semiárido? (Josemir Camillo. *Campina perde seus horizontes*. www.paraibaonline.com.br)

Referências

- MARIANI, A. *Façades*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- ROSSI, L. M. *Um Estudo de Caso*. 1ª Semana de Desenho Industrial da Paraíba, Museu de Arte Assis Chateaubriand. Campina Grande, junho 1982.
- ROSSI, L. M. *Art Déco Sertanejo – manifestações arquitetônicas e decorativas nordestinas*. Resumos da 36ª Reunião Anual da SBPC. USP, 1984, p. 25.
- ROSSI, L. M. “Art Déco Sertanejo”. *Revista Design e Interiores*. São Paulo, nº 41, ano 7, maio/junho 1994, pp. 88 a 91.
- ROSSI, L. M., Jose Marconi B. de Souza et alii. *Exposição Campina Grande Déco*. 3ª Semana de Design da Paraíba, UFPB. Museu Vivo da Ciência e Tecnologia, e 6ª Fetec, Spazio. Campina Grande, setembro 1993.
- SZILARD, M. *Grafismo Popular*. Arquitetura Revista. FAU/UFRJ, 2º sem. 1986, pp. 30 a 33.
- VERAS, Cassandra. *O espelho de Narciso: Uma visão histórica das transformações urbanas em Campina Grande (1935-1945)*. Monografia, conc. Bach. História. UFPB, 1988.